

A HORA DA ESTRELA

Há algum tempo eu nutria a curiosidade sobre a produção literária de Clarice Lispector, até que recebi como empréstimo esse livro de sua autoria que foi o meu primeiro contato com essa escritora bastante reconhecida pela profundidade de suas obras. Confesso que encontrei dificuldade em acompanhar o início da história e de entender sua dinâmica. Em um primeiro momento a narrativa é muito profunda e confusa. Eu não estava acostumada a tamanha grandeza de linguagem. Com o passar das páginas, onde o diálogo se impõe, a leitura flui melhor, de forma menos complexa e aí uma escrita mais aberta, menos introspectiva, se revela. A hora da estrela é narrado por uma Clarice escondida sob o nome e perfil de Rodrigo S. M., que sente a necessidade de contar da existência sofrida de Macabéa, uma nordestina moradora do Rio de Janeiro bastante maltratada pela vida. É uma personagem inocente, numa pureza que vai desde seus pensamentos até sua real condição de virgem, mas que as vezes aborrece de tão grande ignorância a que lhe é inerente. Numa rotina limitada ao trabalho como datilógrafa, que mal lhe provém o que comer, ela sobrevive entregue à própria sorte, conformada com uma realidade que a menospreza. Foi-lhe tirada a família, o amor, a companhia. Imersa na solidão era que ela se reconhecia e sorria, chorava, cantava e não se abatia. Ou se abatia. Em se tratando de Macabéa a gente perde um pouco a noção do que realmente se sentia. A vida poucas vezes a surpreendeu, e, na última dessas vezes, ela encontrou finalmente seu destino. Não sei se o temia. Em sua cabeça ele sequer existia. No fim das contas, as coisas são como são. E a vida de Macabéa não podia ser diferente. Ou até podia, se Rodrigo S. M. assim quisesse. Mas não o quis. E o que nos restou foi um pequeno livro, de tamanho inversamente proporcional a riqueza de sua narrativa. Foi uma leitura rápida, porém difícil. Fiquei até um pouco preocupada, pensando: Meu Deus, que faço eu diante de uma Clarice Lispector da vida?